

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 26 n.º	Semest. — 18 n.º	Trin. — o n.º	N.º à entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1162	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	10 de Abril de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

A Exposição de Quadros de Sousa Pinto



SOUSA PINTO

Cliché da Fotografia Alvão, simile-gravura de Marques Abreu

CHRONICA OCCIDENTAL

A chronica assignala hoje um facto que vae ter para os portuguezes uma muito consideravel importancia no desenvolvimento das suas relações mundiaes. O governo da Republica tomou a iniciativa do estabelecimento de carreiras directas de grandes transportes entre Lisboa e Nova-York, e aquillo que, ainda hontem, era para nós um sonho, é já hoje uma palpavel e segura realidade. Dentro de poucas semanas, inaugurar-se-ha o serviço das novas communicações.

Meia duzia de dias será bastante para que nos possamos deslocar do Mundo Velho para o Novo Mundo, e desde que bem se saiba o que é esse mundo novo, facilmente se adquirirá a nitida comprehensão do alcance que ha-de vir a ter para nós a medida que acaba de tomar a Republica.

Quando foi proclamada a independencia dos Estados Unidos, a área dos tres estados, que então formaram a Republica federal, era de quinhentas mil milhas quadradas, comprehendendo apenas uma estreita zona de terreno ao longo do Atlantico e desde a Georgia até o Canadá. Agora, e por successivas acquisições, o territorio da Republica tem uma área oito vezes maior, quatro milhões de milhas, com o Atlantico, o Pacifico, o golfo do Mexico e o Oceano Arctico por fronteiras naturaes.

As mais aceleradas communicações ligam os pontos mais distantes do immenso continente. Os melhores, mais amplos e mais commodos barcos a vapor, percorrem as suas bahias, os seus lagos, os seus rios e os seus canaes; as mais possantes locomotivas passam incessantemente, como em corridas de monstros vertiginosos, sobre os milhões de kilometros de caminho de ferro que atravessam todos os estados, e entre uns e outros se encruzilham e se emaranham em todos os sentidos. Dos postes que correm ao longo das immensuraveis campinas e d'aquelles que esfuziam dos quasi inacessiveis pincaros das montanhas, prendem-se, emaranham-se os fios de que é tecida a rede dos telegrafos, desdobrada sobre todo o territorio.

O trabalho, a industria, a intelligencia avançam sempre, aperfeiçoam-se sempre. A America gosa, com justo fundamento, da reputação de ser a terra dos inventos praticos. Só quem uma vez entrou nas galerias, absolutamente indescriveis, do Patent Office em Washington, o palacio onde se guardam e se mostram as colleções de modelos que justificam as patentes de invenção, pode avaliar, muito por alto, as faculdades inventivas do povo compatriota de Fulton, de Francklin, de Edison, de Morse.

O espirito da associação e o desenvolvimento da sciencia contribuem cumulativamente para a maior prosperidade agricola. O *trust* reuniu todos os esforços isolados; as machinas substituiram os braços. A semente deixou de ser lançada á terra pela mão do homem; os ceifeiros passaram a só ser os conductores das machinas de segar. A debulha pelo atrito da pata do cavallo e esperando a brisa que ha de separar a palha do grão tornou-se uma coisa de riso, á entrada triunfal das formidaveis debulhadoras mecanicas nas vastas planicies de ceara.

O progresso intellectual acompanha o progresso das industrias. Ao lado das fabricas e das officinas fundam-se as escolas, abrem-se as bibliothecas. O povo das cidades e do campo, laborioso e instruido, conhece e aprecia o valor das garantias sociaes que a lei lhe dá, sabe distinguir os deveres e os direitos de cidadão, e, sem outro auxilio mais que a sua intelligencia, a sua actividade, o respeito de si mesmo, tem aberto deante de si o caminho que conduz á fortuna, ás popularidades, aos mais elevados cargos da Republica.

O povo delega o seu poder na auctoridade que elle proprio elege; e a auctoridade illustra o povo, facilita-lhe o ensino, garante-lhe a boa ordem de todas as coisas dentro da sociedade civil, estimula-lhe por todos os modos as faculdades progressivas.

O progresso religioso acompanha o desenvolvimento intellectual. A plena liberdade de cultos chama ao convívio benevolo da mesma terra, põe, sob o mesmo benigno céu, ao abrigo de velhas e renhidas luctas, catholicos, protestantes, israelitas. Desde que a construção do templo obedece aos preceitos que regulam as edificações urbanas; desde que as formas de propagação religiosa não exorbitam dos limites da ordem, o Estado nada tem que ver com o resto.

Afigura-se absorvente a natural tendencia do

povo americano para as industrias; mas nem por isso as sciencias, a litteratura, as bellas artes ficam sem cultores. Em que isolado reconcavo da Europa vive ainda o triste ignorante que não conhece Edwards, o metafisico; Rittenhouse, o mathematico; Andubons, o naturalista; Prescott, o historiador; Irving ou Cooper, os novellistas da amenidade; Longfellow e Bryant, os poetas do enternecimento. E tambem pintores como Allston, Bierstadt, Cole Copley e Sargent; e esculptores como Powers, Greenough, Miss Hosmer?

Entre os aventureiros que primitivamente devassaram o solo americano, levando á virgindade d'estas florestas os germens da civilização, uns arrebatados pelo sonho da fortuna, outros contrangidos a procurar em terra extranha a liberdade que a patria lhe recusava, engrossava a corrente da emigração a raça anglo-saxonia e a indole pratica e liberal dos ingleses logo foi infundido no espirito do povo que se formava o estimulo da dignidade civica. Um bello dia, surge Washington das massas populares, primeiro nas armas que conquistam a independencia do solo, primeiro na obediencia devida ao Congresso, representante do supremo poder que emana de todos os cidadãos. Querem que presida elle á nascente republica, e ahí se torna elle o mais alto exemplo da abnegação e da honestidade politica. Afilados por esse padrão de consummada honradez e de profundo amor patrio, todos os outros homens depois chamados a tomar conta do governo da nação, que incessantemente floresce, vêm perpetuando na Republica a manutenção das instituições organicas e a constante obediencia ás leis — Jefferson e Munroe, Harrison e Lincoln, Mac-Kinley e Roosevelt. . .

O vinculo federal, que politicamente liga os diferentes estados da União, sem os prender quanto a interesses de administração interna, responde pela unificação das dezenas de milhões de almas, que vão constantemente augmentando em numero, sob o influxo benevolo da civilização, na razão directa da riqueza do solo, do bem-estar da familia, da garantia individual.

A noticia d'este Novo Mundo, revestida de maravilha e de promessa, inquietou a cubiça de europeus animosos e buliçosos. Não cuidava a patria de lhes quebrar os impetos da aventura, nem desvanecer-lhes a ancia de tentar outras paragens d'onde lhes acenasse a fortuna; antes parecia que tudo, dentro da propria patria, os espiçava ao rompimento e lhes gritava: «Emigrael!» Gritavam-lh'o os abusos de todo o velho regimen, o desperdicio dos governos, a venalidade e a parcialidade da justiça, a escassez da instrução, a prepotencia da igreja. . .

Para cá vieram; e, á medida que aqui vinham chegando, o sonho de maravilha tornava-se lhes realidade.

O europeu, que emquanto não sae da Europa parece crer que toda a sua vida e todos os seus movimentos andam á mercê dos fados, das bruxas e dos governos, e tudo põe sob o patronato de santos e o empenho de politicos, toma, em chegando á America, um vehemente poder de iniciativa directa.

Aqui impera o bom senso popular, como se fosse instituição organica da sua constituição politica. A America não offerece sómente ao Velho Mundo o espectáculo atordoador da sua sempre crescente prosperidade — a sua exportação fenomenal, o enorme desenvolvimento das suas industrias, o alargamento illimitado da sua agricultura, mostra-lhe como, pelo amor da escola, pelo respeito da lei, pela pertinacia no trabalho, se formam as solidas sociedades civis, sem distincção de raça, nem de nacionalidade, nem de religião, sem privilegios de nascimento ou de fortuna.

JOÃO PRUDENCIO.

A Exposição de Quadros de Sousa Pinto

Nas ultimas semanas um acontecimento artistico de alta importancia veio despertar o interesse de quantos apreciam as Belas-Artes numa das suas expressões mais vibrantes e sentidas, a Pintura.

Numa das dependencias do Palacio de Cristal, do Porto, onde está estabelecido o *atelier*-escola do pintor Artur Loureiro, abriu-se ao publico uma exposição de quadros e desenhos de Sousa Pinto.

Basta dizer este nome para se saber que é o de um artista consagrado, o qual ha cerca de

trinta annos passou pela Escola de Belas-Artes, do Porto, onde teve por mestre a João Antonio Corrêa, cuja proficiencia se afirmou em tantos discipulos que foram a sua gloria, e que indo depois completar a sua educação artistica no estrangeiro, deram a Portugal artistas de incontestavel merecimento.

Sousa Pinto foi desses, e de tal fórma se distinguuiu que as suas obras encontraram logo collocação, em Paris, onde elle completava seus estudos, que pouquissimas vieram para Portugal.

Sousa Pinto estabelecia-se em Paris, no grande centro das Artes, onde os seus trabalhos eram admitidos no *Salon* a par dos primeiros pintores, e a critica delles se occupava com interesse e preferencia.

Por 1884-1885, o OCCIDENTE honrava-se reproduzindo os seus quadros, auspiciosas primicias do joven pintor e, de então até hoje quantas obras de Sousa Pinto tem enfileirado nesta vasta galeria da arte portugueza, que ha trinta e quatro annos vem enriquecendo-se com as manifestações do talento de nossos artistas.

Hoje pede á *Arte* os primorosos similés de Marques Abreu que reproduzem alguns dos quadros de Sousa Pinto que figuraram na exposição, e que nossos leitores aqui podem admirar, tendo nós ainda o prazer de lhes apresentar o retrato do notavel pintor, ao qual tambem por esta fórma prestamos a publica homenagem de nossa admiração, que ha tanto tempo ambicionava-mos.

Não são tantos os artistas portuguezes que tão levantadamente honrem a arte, que se possam esquecer ou confundir no meio da vulgaridade, se bem que para o nosso restrito meio a percentagem não seja desanimadora.

Em todas as manifestações da arte temos artistas notaveis e quem percorrer a nossa galeria os encontrará consignados nestas paginas. Com maior razão aproveitamos hoje o ensejo de apresentar o retrato de Sousa Pinto a proposito da brilhante exposição que veio realizar na sua patria, donde ha tantos annos andava ausente.

Não tivemos a fortuna de vêr essa exposição, conhecemos, porém, demais as obras deste pintor, para que possamos ter duvidas sobre o seu extraordinario merito.

São de um artigo publicado na *Arte* as seguintes linhas a respeito de Sousa Pinto:

«O temperamento definido de Sousa Pinto desde o inicio, sustentou-se invariavelmente até hoje. O profundo amor da natureza aliado a uma virtuosidade pitural delicadissima resumem o merito do insigne artista. Para quem o não acompanhou, seria elle hoje um influenciado por Bastien-Lepage ou Dagnan-Bouveret; abunda com effeito nas mesmas preferencias com identico *métier*, apenas por uma tendencia fortuita, sem assimilação nem *pastiche*.

«Plenarista ardente, duma penetrante visão: assim o comprova a sua obra importantissima em numero e qualidade. Não se enfileirou na ala, aliás brilhante, dos sonhadores, dos idealistas que sumariam em largos traços o seu pensamento; não; o eminente pintor compreendeu naturalmente, como esse fervente adepto do prerafaelismo, tambem grande artista, o irlandês John Millais, que o primeiro dever do pintor é pintar.»

E' assim que, francamente, tambem o entendemos e é assim que apreciamos Sousa Pinto.

A simplicidade das suas composições envolvem sempre a poesia da natureza, onde elle sabe encontrar essa nota que nos impressiona. Essa simplicidade é o seu segredo, o sentimento da natureza que elle aprecia e prescrua nas suas mais imperceptiveis revelações.

Poeta e pintor, lá se afirma naquelle belo quadro, o *Canto da Cotovia*, em que a aldean vae toda embebecida no canto melodioso da avesinha, que paira na amplitude do céu azul. Observador atento, na verdade com que pinta aquella mulher tostada do tempo e dos trabalhos da vida, no quadro, *Mulher do pescador*; a pobre choupana por onde o sol mal entra pela porta, para penetrar pelas fendas do teto esboracado a alumiar o rude trabalho da mulher fiando a estopa.

E como estes, os seus quadros nos contam sempre alguma coisa de verdade e de sentimento.

E' este artista, consagrado, cujas obras figuram nas galerias publicas e particulares do estrangeiro, que veio ao seu país apresentar boa parte dos seus trabalhos, que são tambem uma parte da sua gloria e deste extremo occidental, onde a natureza é mais bela e tem artistas como Sousa Pinto, que sabe interpretar-lhe toda a sua belesa.

C. A.

Ramalho Ortigão

O nome de Ramalho Ortigão, que é um dos mais ilustres na literatura portugueza, teve agora a justa consagração a que de ha muito tinha direito, sendo admitido socio efetivo da Academia das Ciencias por voto unanime desta douta corporação e com dispensa das formalidades regulamentares.

Esta excepção, por ventura, aberta para o notavel escritôr, justifica-se pelas exuberantes provas publicas que elle tem dado na sua longa e gloriosa carreira litteraria, e se elle ha mais tempo não fazia parte da douta corporação, era por ser empregado da mesma Academia ha quarenta e dois annos onde exercia o cargo de official maior e chefe da sua secretaria, cargo que resolveu deixar logo que foi proclamada a Republica.

A Academia empregou todas as diligencias para que o sr. Ramalho Ortigão continuasse no exercicio daquelle cargo, mas não conseguindo demovel-o de tal proposito, entendeu, e muito bem, admitil-o no seu gremio, não se honrando menos a si do que ao illustre escritôr, por tantos titulos digno de o contar no seu seio.

Foi o socio sr. dr. Teixeira de Queiroz o relator do parecer, assinado ainda pelos academicos srs. dr. Antonio Candido, J. Fernandes Costa, Lucas Fernandes Falcão, dr. Teofilo Braga, Gama Barros, Jayme Moniz, H. Lopes de Mendonça, Luciano de Castro, José Ramos Coelho, Cristovam Ayres e Julio Marques de Vilhena.

Esse parecer é o mais honroso possivel e uma justa homenagem publica prestada ao eminente homem de letras, homenagem a que, no meio da nossa modestia, sinceramente nos associamos, com esta revista, que tantas vezes tem tido a honra de ser colaborada pelo sr. Ramalho Ortigão.

de 1813 e no *Diccionario Bibliografico*, de Innocencio da Silva, vol. iv, pags. 304, segundo nos informa o nosso presado amigo e antigo colaborador desta revista sr. Esteves Pereira, o qual nos envia a seguinte nota biografica de José Daniel, colhida nas citadas publicações:

José Daniel Rodrigues da Costa, natural da cidade de Leiria, nasceu a 30 de outubro de 1757, conforme as informações que tenho por mais veridicas. Contava apenas dois annos de idade, quando foi trazido para Lisboa e entregue por fallecimento de seu pae ao amparo de umas senhoras caridosas, que o educaram e sustenta-



RAMALHO ORTIGÃO

ELEITO SOCIO EFETIVO DA ACADEMIA DAS CIENCIAS

ram, ás quaes depois valeu agradecido em suas precisões, como elle proprio nos declara nas *Rimas*. Não podendo cursar os estudos superiores aos de primeiras letras e grammatica latina por falta de recursos pecuniarios, acolheu-se á protecção do desembargador Antonio Joaquim de Sete Casas, o qual lhe conferiu a administração chamada das quatro portas da cidade e ramo de Belem; e como remuneração dos serviços que ahí prestara obteve a final uma tença, e a propriedade de um officio de escrivão e tabellião de notas em Portalegre. Foi ajudante das ordenanças de Alemquer, e promovido depois a major da legião nacional do Paço da Rainha. Casou-se quando contava 31 annos de idade. Dotado de bom humor, e maneiras affaveis, era bemquisto de todos que o conheciam, e que applaudiam os seus chistes e ditos naturalmente engraçados, e satiricos. Viveu por muitos annos decentemente dos proventos do seu emprego, e do produto dos muitos papeis que imprimia, e que eram bem acolhidos do publico. Sabendo amoldar-se ás circumstancias politicas do tempo, escreveu successivamente a favor das idéas liberaes e do governo absoluto. O sr. D. Miguel lhe concedeu uma pensão annual de tres moios de trigo, que pouco tempo desfrutou, falecendo aos 7 de outubro de 1832, em casa propria, na travessa do Forno, n.º 2, freguezia dos Anjos, em cuja parochial foi sepultado defronte do altar do Santissimo.

Tiveram grande voga os seus escritos, muitos dos quaes publicados periodicamente e até reimpressos em sua vida.

O *Almocreve de petas*, foi publicado em 1798/9

e reimpresso em 1819. O *Diccionario Bibliografico* cita numerosos escriptos d'este auctor.

Decimas

1.º

Senhor Massena, má scena
Fez n'esta sua invasão;
Que dirá Napoleão?
Decerto morre de pena!
Marengo, Austrelitz, e Gena,
Não tiveram sorte igual
Se ficou em general,
Fique assim n'essa postura,
Porque era fraca figura
Para Rei de Portugal.

2.º

Bem sei que o projecto seu
Era juntar cabedaeas
Para fazer os canaes,
Que Junot nos prometteu:
Mas d'isso o dispenso eu,
Que para canaes é fraco;
E se do curso macaco
Quer ao furor esconder-se,
Fique por cá, vá metter-se
Frade leigo no Bussaco.

3.º

General que passa avante
Sem deixar atraz arranjo,
Não é de victorias anjo,
E' um general pedante:
Vossa Alteza por tratante,
Só se fiou na traição;
Nada fez, fugiu da acção,
Ia ficando na rede,
Alimpe a mão á parede
Que assim faz Napoleão.

4.º

Vossa Alteza pensou mal
Em se fiar de malvados,
Individuos revoltados,
Nascidos em Portugal:
Sempre gente áquella igual,
Onde está, chama a desgraça;
Acabe tão impia raça,
Fuzile esses impostores,
De farinha de traidores
Não se espera boa massa.

5.º

Lembra-me um meu cavallinho,
Se em Vossa Alteza reparo,
Que em galopes sendo raro,
Pegava-se no caminho:
Perdoe-me se fui mesquinho
E no simile tão rasteiro;

Mas sei que no mundo inteiro
De Vossa Alteza dirão,
Que tem furias de Leão,
E paradas de sendeiro.

6.º

De um alfaiate diziam,
Que soffria mil matracas,
Porque talhando casacas
Sempre alforges lhe sabiam:
Os projectos que se criam
Em quem rege essa canalha,
Sempre a fortuna os baralha,
Que o despota Imperial
Não giza o manto Real
Que lhe não saia mortalha.

7.º

Sim, Vossa Alteza sonhou,
Porem sonhou muito mal,
Que inda estava Portugal
Como Junot o deixou:
Com toda a pressa voou
Como gaivota á sardinha,
Mas sabendo-se que vinha
Pôr-nos o sal na moleira,
Fê-lo parar na carreira
A grossura de uma linha.

8.º

O Camões, segundo eu colho,
Que Junot prometteu cá,

Exposição de pintura e desenho

Abriu ao publico, no Salão da *Illustração Portugueza*, uma exposição de pintura e desenho, das discipulas da sr.ª D. Emilia dos Santos Braga, pintora distintissima, e que, pelo visto, está fazendo pinturas de cinco do sua escola, apresentando trabalhos de cinco discipulas, as sr.ªs D. Sara Brandão, D. Etelvina Silva, D. Alda Silva, D. Rita Santos Silva e D. Filomena de Freitas. São dignos de se vêr estes trabalhos e especialmente os da sr.ª D. Filomena de Freitas, cuja exposição é numerosa e em todos os generos.

CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

Surriada a Massena em Portugal

POR

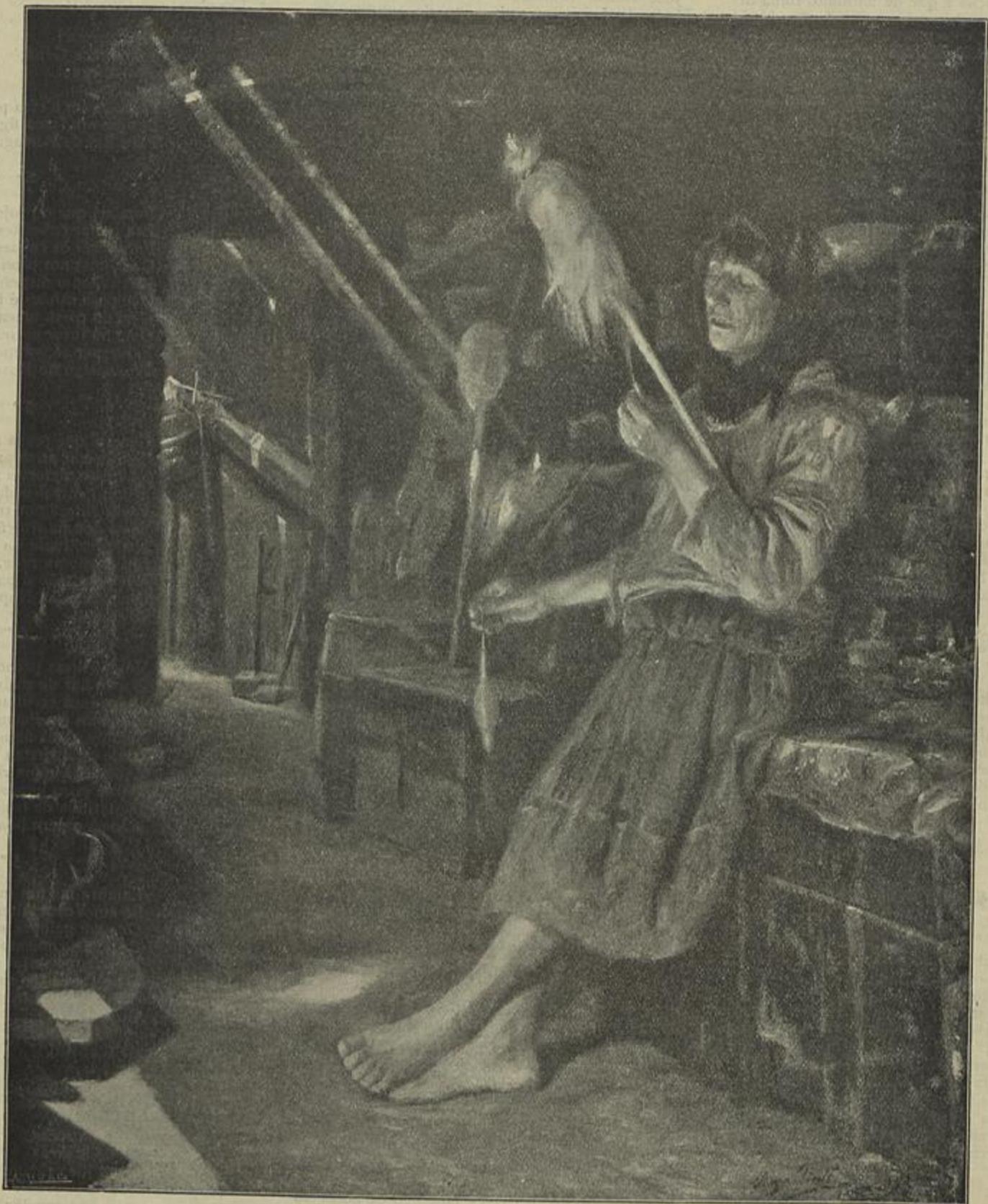
José Daniel Rodrigues da Costa

Anno de 1811

Entre os escritos, a proposito da Guerra Peninsular, que o nosso saudoso amigo e distinto colaborador do OCCIDENTE, Ribeiro Artur, tinha em preparo para esta revista, conta-se a satira que o popular poeta José Daniel Rodrigues da Costa publicou, em 1811, ao general Massena, que abaixo reproduzimos, e que nos foi facultada pela Ex.ª Sr.ª D. Maria Costa Ribeiro Artur, viuva do illustre extinto, á qual agradecemos muito penhorado tão valiosa dadiva.

De José Daniel, nome por que era mais conhecido no seu tempo, encontra-se noticia no vol. III do *Ramallete*, no *Jornal de Coimbra*, de maio

A Exposição de Quadros de Sousa Pinto



MULHER DO PESCADOR (POVOA) — Quadro de Sousa Pinto — Simile-gravura de Marques Alreu

Vossa Alteza o suprirá,
 Por ter defeito n'um olho;
 Bote as barbas de remolho;
 Que d'aqui não leva rasca,
 Se a gente lhe tomou asca,
 Deixe-se de querer Throno,
 Que tambem o seu patrono
 Está quasi dando á casca.

9.º

Sem ser Bandarra afamado,
 Nem pretinho do Japão,
 Cá pela minha razão
 Mil vezes tenho augurado:

Agora o profetizado
 E' nova guerra na França;
 Depois de morta a criança
 Tal confusão ha-de haver
 Que hão-de no Throno querer
 A quem toca por herança.

10.º

Dos generaes a occorrençia
 Moverá da sorte a róda,
 E ver-se-hão na França toda
 Combates de preferencia:
 Então orgulho, e innocencia
 Esperem gemer de novo;

Mas em se vendo no côvo
 Os pintos Napoleanos
 Ficará por muitos annos
 Em paz, a França, o teu povo.

11.º

A profecia tirei
 Do que tenho visto, e vejo;
 Se me enganar o desejo,
 Enganado ficarei:
 De Nação sem fé, sem Lei,
 Ninguém se póde fiar;
 Os fundos vem a faltar,
 A fome os póvos arrasta;

A Exposição de Quadros de Sousa Pinto



O CANTO DA COTOVIA — Quadro de Sousa Pinto — Simile-gravura de Marques Abreu

Exposição de Quadros de Sousa Pinto
1900

Novo motivo, que basta
Para a França naufragar.

12.º

Insultar uma nação
Com roubos, e mortandade,
E chamar á crueldade
Amizade, e protecção!
Pôr o mundo em confusão!
Pôr os povos em desterro!
Eu certamente não erro
Em pensar que inda ha-de a França
Ser a victima de vingança
Arrazada, a fogo, e ferro.

13.º

Vossa Alteza cavilosa
Devia tomar lição
Na Britanica nação,
Sempre humana e generosa:
A França por aleivosa
Fica sendo odio da gente;
Nem sequer um só vivente
Haverá que a França louve,
Emquanto se ler o que houve
No passado, e no presente.

14.º

E' estranho, e caso novo
Dizer-se por toda a Europa
Que esta guerra é feita á tropa,
Quando a guerra é feita ao povo:
Portugal, que é comò um ovo
A' vista das mais nações,
Tem soffrido mil traições,
Incendios, roubos, e mortes,
As donzellas, e consortes
Cruentas perseguições.

15.º

E intentava Vossa Alteza
Ser o nosso protector?
Sendo um ladrão, um traidor,
Qual fero lobo co'a preza?
Onde é que esconde a nobreza,
Que as moraes virtudes tem?
Senhor, o que lhe convem,
Se o manto Real lhe falha
E' uma coisa de palha
Que os burros no lombo tem.

16.º

Dirá que nunca fez vasa
Nos furtos que se estão vendo;
E nós ficamos sabendo,
Que não pega em ferro em brasa:
Porem como toda a casa
Tem tido o seu roubador,
E o general sabedor
Não castiga a laxidão,
Tão velhaco é o ladrão
Como o seu consentidor.

17.º

Entre nós, quando um soldado
E' ladrão ou turbulento,
Vai logo posto a tormento
De açoites, ou fuzilado.
Vossa Alteza descarado
Não sustenta a disciplina;
Manda as tropas á chacina,
Que na traição, e terror
Tem no seu Imperador
Um bom mestre, que os ensina.

18.º

Não lhe fique a presumpção,
Que os damnos que vem causar
E' para melhor vingar
O senhor Napoleão:
A causa vem d'outra mão,
Que nos quer ver abatidos,
Porque á custa de gemidos,
E de males tão chorados,
Se vejam bem castigados
Os costumes corrompidos.

19.º

Avarentos, usurarios,
Soberbos, monopolistas,
Intrigantes, demandistas
Ociosos, perdularios:

Pobreza com vicios varios,
Todos perderão abrigo,
Que pelas mãos do inimigo,
Em confusão mais ou menos,
Chega a grandes, e pequenos,
Este açoite, este castigo.

20.º

Mas a summa providencia,
Que inda ampara Portugal
Esse exercito fatal
Põem na maior decadencia:
Com faltas de subsistencia
Faz a sorte desgraçada;
Esta nação limitada
Não teme o inimigo junto,
Que o pouco com Deus é muito
O muito sem Deus é nada.

21.º

Vossa Alteza saberá,
Que eu não temo os seus ataques
De fuzilê, e de saques,
Que são os bens que nos dá:
Eu tenho fé que por cá
Não ha-de dar um só passo;
Se o projecto errar que faço,
Espetos, espadas, tudo.
Quanto acabar em agudo
Lhe ha-de entrar n'esse espinhaço.

22.º

Não quer o reino outro dono
Senão dono portuguez,
Nem jura mais que uma vez
Sujeição á lei, e ao throno:
Desprezamos o patrono
Que nos pretende reger;
Escusa tempo perder;
Queime do codigo os tomos,
Que o mesmo que sempre fomos
E' que hoje cremos ser.

(Continúa.)



O MEZ METEOROLOGICO

Março 1911

Barometro. — Max. altura 776^{mm},2 em 2.
> Min. > 745^{mm},8 em 27.

Duas profundas depressões invadiram a península durante o mez, sendo a primeira em 18 com minima de 747^{mm},9, e a segunda em 27.

Termometro. — Max. altura 20°,8 em 4.
> Min. > 5°,9 em 27.

Algum calor até 5, e temperatura agradável durante o resto do mez.

Chuva — 83^{mm},9 em 17 dias.

Vento dominante — NW.



RIBEIRO SANCHES

A sua vida e a sua obra

«... passou para a Corte de Paris, onde pelo admiravel methodo com que triunfa das infermidades mais graves, tem conciliado as estimações das mayores Pessoas de ambas as Jerarquias.»

DIOGO BARBOSA MACHADO.

Bibliotheca Lusitana

Ao tempo, 1759, em que o famoso abbade traçou estas linhas tomo 4.º, da sua obra monumental, vê-se, que era ainda vivo, na capital da França, o insigne medico portuguez, que tanta gloria nos deu.

A elle se referiu, nos seguintes termos, na substanciosa *Oração de Sapiencia*, que recitou por occasião da abertura do anno lectivo de 1907-1908, o lente da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, José Sobral Cid:

«Ribeiro Sanches, christão novo, passou uma enfermicia mocidade em casa de seus paes, em Penamacôr, minado pelas quartãs de Riba-Douro,

educando o seu espirito livremente na leitura de classicos e philosophos. Mais tarde, impellido por decidida vocação, veiu estudar medicina a Coimbra, graduando-se em Salamanca e depois de ter exercido alguns annos n'uma comarca ribatejana, começou de viajar e percorrer os principaes centros medicos da Europa, como que impulsionado por um atavico instincto de deambulação. Visitou os collegios de Londres, esteve nas Faculdades de Montpellier, Tolosa e Paris, estudou tres annos em Leyde, onde foi o primeiro discipulo de Van-Swieten, e passou longos annos na Rússia, como medico da Camara Imperial, director do Hospital do Collegio dos Nobres Militares, fazendo ainda como cirurgião dos exercitos imperiaes uma ardua campanha na Polonia.

Independente por natureza e naturalmente propenso á observação, tendo desenvolvido as suas faculdades de investigação e critica n'uma extensa e quasi sempre livre carreira professional, Ribeiro Sanches, que, além d'isso, privou com os melhores espiritos, da sua epocha — Boerhave, Euler, d'Alembert — e viveu por muito tempo no ambiente do enciclopedismo, é um espirito emancipado, muito acima da sociedade portugueza do seu tempo.»

Foi agora, preciosamente, enriquecida a litteratura patria com o estudo mais completo e mais auctorizado, até o presente dado á estampa, sobre a alta summidade scientifica de Antonio Nunes Ribeiro Sanches, nascido em Penamacôr, aos sete de março de 1699 e fallecido em Paris, no dia 14 d'outubro de 1783.

Similhante notavel trabalho pertence ao abalizado e eruditissimo professor da Escola Medico-Cirurgica do Porto, Maximiano Lemos, auctor illustre de identicos trabalhos ácerca de *Amato Lusitano* e *Zacuto Lusitano* e de muitos outros de larga investigação entre os quaes avulta a *Historia de medicina em Portugal. Doutri as e instituições*.

Logo no inicio da recente publicação, diz o estudioso professor, em prefacio advertencia:

«O livro que vae lêr-se foi durante alguns mezes a minha occupação exclusiva e até certo ponto a minha unica razão d'existencia.»

O livro, esse livro que Maximiano Lemos assim affirma havel o absorvido por inteiro, é deveras primoroso e completo. Exgotou a materia, bio e bibliographicamente, retratou, com rigor de analyse critica e com fina aquilatação philosophica o sabio portuguez do seculo xviii que, tendo chegado a cursar direito por espaço de dois annos e tendo tambem pensado em abraçar o estado ecclesiastico, de uma e da outra coisa se desabriu comtudo para, afinal, desenvolver o seu espirito encyclopedico no vasto campo da grande sciencia humanitaria, — a Medicina.

Maximiano Lemos acompanha com verdadeiro carinho de mestre e com inexcedivel escrupulo de verdade, o proeminente filho de Penamacôr, no discurso da vida longa e accidentada, não lhe escapando circumstancia alguma digna de registo e formulando juizos proprios com absoluta imparcialidade educativa, firmado em documentação authentica e authenticada.

O texto do livro comprehende treze capitulos, que abrangem 289 paginas, a que se seguem, a bibliographia onde figuram 164 composições de Ribeiro Sanches, sendo 26 de obras impressas e 138 manuscriptos, 35 documentos curiosos e interessantes, o indice e uma tábua analytica.

Intercalando o mesmo texto, ostentam-se em gravuras de pagina, retratos de Ribeiro Sanches e de distinctas individualidades suas contemporaneas, em relações com elle e figuras caracteristicas em sua obra immensa.

Tudo isto, é elucidado e esclarecido com criteriosas notas, dados genealogicos e *fac-similes* de assignaturas.

O proficiente auctor, depois de consagrar os primeiros nove capitulos ao ser physico e moral de Ribeiro Sanches, desde o seu berço em Penamacôr até o seu ultimo leito, ao fallecer, no cemeterio da igreja parisiense de S. João em Gréve e mais tarde, quando extincto este cemeterio, nas catacumbas da babilonica e bella cidade, depois de assim proceder, revelando-lhe a formação do character e a simultanea formação e maturação de ideaes, transcrevendo com frequencia simples phrases e maiores construcções da penna do insigne medico, dedica os ultimos quatro capitulos á definição, sob o ponto de vista de aspectos categoricos, do nobre labor intrinseco d'aquelle cerebro prodigioso.

São estes, os titulos genericos de taes capitulos:

«Plano d'exposição das suas obras;

«A obra do hygienista;
«A obra do educador e reformador;
«Opiniões religiosas, politicas e economi-
cas de Ribeiro Sanches.»

Ribeiro Sanches, encontrou, fortuna inve-
javel, ao cabo de mais de um seculo de
passamento quem, devotado igualmente á
Sciencia e cheio de beneditino entusiasmo
e ardente amor na pesquisa do passado hon-
roso, haveria de render á sua memoria inol-
vidavel o preito justissimo de dignificação
perfeita.

O methodo que Maximiano Lemos adop-
tou e empregou foi, e nem outra coisa se
compadecia com a sua mente equilibrada, o
genuino methodo scientifico em alliança com
o maximo escrupulo de selecção de prova em
acerto consciante.

E, por este processo, em estylo facundo,
com sinceridade empolgante, Maximiano Le-
mos, honrou mais uma vez a terra do berço,
a Regoa, e a patria portugueza com preclaro
testemunho de civica operosidade.

19-2.º-911.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

NECROLOGIA

Augusto Fuschini

Os jornaes de 9 do mez findo davam noticia
da morte de Augusto Fuschini, que falecera
na vespera, em casa de seu genro, sr. Frede-
rico Lima Mayer, na praça da Alegria, n.º 47,
pouco depois de uma conferencia medica
que o deu por perdido, reconhecendo emi-
nente a angina pectoris que o ia matar.

Foi uma grande perda a morte deste ho-
mem eminente, que não só se distinguiu por
seu talento de artista, mas ainda como cien-
tista, versando as ciencias economicas, e so-
bretudo como grande amigo das classes ope-
rarias, que lhe retribuiam com reconheci-
mento, dando o nome de *Augusto Fuschini* a
algumas sociedades cooperativas e outras, por
esse país.

Como artista deu provas de sua intelligencia e
saber, no projeto de restauração da Sé de Lis-
boa, parte do qual chegou a ver executado sob
a sua direção até que a morte o surpreendeu.

Na Arte elle se refugiou dos seus insucessos
políticos, como rapidamente vamos relatar.

Augusto Fuschini, filho de paes italianos, nas-
ceu em Portugal por 1847. Fez um brilhante curso,
na Universidade de Coimbra, na faculdade de
ciencias matematicas, dedicando-se á engenharia
civil.

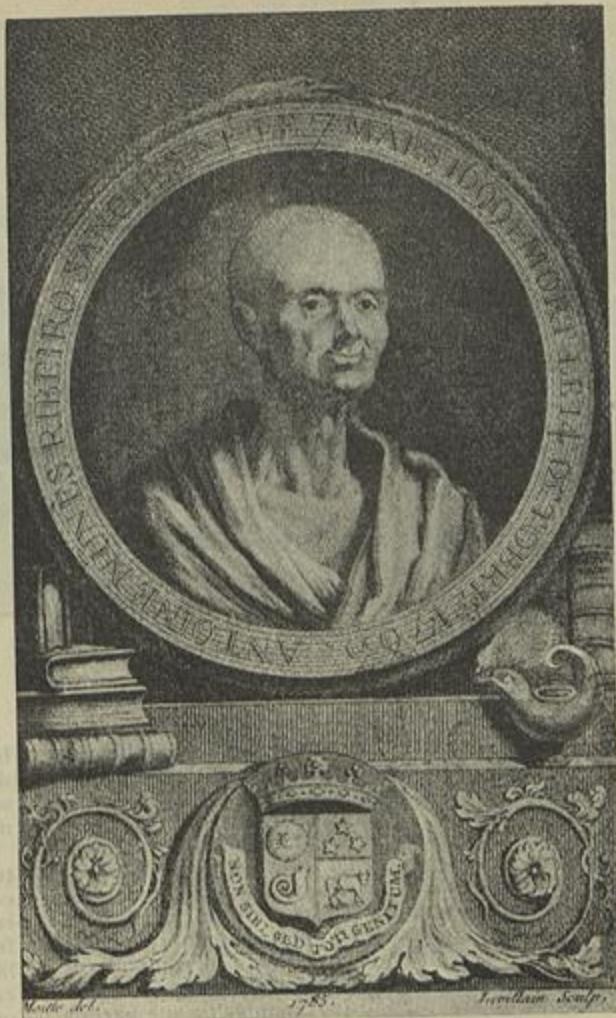
Em 1881 propoz-se deputado pelo circulo de
Belem, em opposição ao governo, vencendo uma
grande campanha eleitoral e filiando-se, por fim,
no partido regenerador ao qual presidia então
Fontes Pereira de Mello. Pela morte deste esta-
dista, occorrida em 1887, Augusto Fuschini poz-
se ao lado de Barjona de Freitas na dissidencia
daquelle partido que este formou, denominada
Esquerda Dinastica, a qual a breve trecho se
desfez não conseguindo preponderar na politica.

Entretanto, Fuschini afirmou brilhantemente
na imprensa e no parlamento os seus vastos co-
nhcimentos economicos a par de suas ideias so-
cialistas, declarando-se independente e formando
parte da *Liga Liberal*, que por 1892 se fundou.

O seu nome rodeava-se então de certo presti-
gio e a opinião publica indicava-o para um bom
ministro da fazenda.

Hintze Ribeiro, chefe do partido regenerador,
não deixou de aproveitar aquella indicação e,
quando foi chamado ao poder, em 1893, suce-
dendo ao ministerio Dias Ferreira, convidou Au-
gusto Fuschini para ministro da fazenda, o que,
se de alguma forma satisfizes a opinião publica,
não deixou contudo de causar certa surpresa,
atentas as ideias avançadas de Fuschini. Todo o
paiz poz os olhos no novo ministro que era uma
esperança para a solução da questão financeira,
que elle, sobretudo, atacara na imprensa expondo
teorias que demonstravam estudo do assunto.

Não pode, porém, arcar com as difficuldades
que, acaso, se levantaram á execução dos seus
planos e, reconhecendo a impossibilidade, preferiu
dar a sua demissão a transgredir com as con-
veniencias politicas, acompanhando-o nesta reso-
lução o sr. dr. Bernardino Machado, que tambem
com elle entrara para a pasta das obras publicas.



RIBEIRO SANCHES

Copia do retrato publicado nas *Observations sur les maladies veneriennes*

As razões que determinaram a sua sahida do
governo, esplanou-as largamente Augusto Fuschini
em um livro que publicou em 1896, *Liquidações
Políticas*.

Depois desta publicação, que fez bastante ruido
no país, voltou ainda Augusto Fuschini ao par-
lamento onde continuou a occupar-se das questões
economicas e financeiras, tomando parte activa
na discussão do convenio, que não limitou só ao
parlamento mas o discutiu na imprensa e em
conferencia publica realisada na cidade do Por-
to. As suas afirmações levantaram questão no
parlamento entre elle e o então deputado sr. João
Arroyo, chegando a vir para a imprensa, como
todos estarão ainda lembrados, pois que isto se
passou, ha pouco mais de oito annos, em 1902.

Augusto Fuschini desgostou-se então da poli-
tica e veio refugiar-se, como acima dissemos, no
seio da Arte, dedicando-se completamente á res-



AUGUSTO FUSCHINI

tauração do antigo e historico templo da Sé
de Lisboa.

De toda a sua vida de lutas politicas é o
que deixa de mais preduravel naquelle mo-
numento nacional, afirmando nelle o seu sa-
ber e sentimento artisticos como o revelara
nos principios da sua carreira artistica, quan-
do, no OCCIDENTE, que muito se honrava
com a sua colaboração, aqui publicou um
estudo sobre a restauração do templo dos Je-
ronimos e da Casa Pia anexa (1).

Augusto Fuschini era um grande caracter
independente, patriota, em opposição ao meio
disolvente da sociedade que atravessou. Sal-
vou-se por sua provada honrades e tanto
basta para a sua memoria.

A sua illustre viuva e filhos enderessamos
a expressão do nosso pesar.

C. A.

Publicações

O commercio de vinhos na Belgica. —
Porto. — *Typographia Progresso*. — 1910.

E' esta publicação um relatorio extenso do
delegado commercial da Companhia Vini-
cola do Norte, Luiz da Terra Vianna, em
missão da mesma companhia na Europa.

Comprehende um texto de 176 paginas,
precedido de introito assignado pelos dire-
ctores da companhia, conde de Samodães,
Manuel Duarte Guimarães Pestana da Silva
e Luiz Ignacio Woodhouse.

A leitura d'este folheto impõe-se pela sua
clareza expositiva, pela indole da materia e
pela instancia das circumstancias, que recla-
mam por parte do nosso paiz que procure-
mos celebrar tratados de commercio á som-
bra dos quaes seja possivel collocar os nos-
sos vinhos em condições rasoaveis no estran-
geiro.

Terra Vianna, antes de entrar propria-
mente no assumpto especial de sua compen-
tencia já provada em outros trabalhos simi-
lares, consagra um certo numero de paginas a
elucidar o leitor ácerca da Belgica e do seu povo,
de que, realmente, se fica tendo uma ideia nitida
e sufficiente para o caso.

Depois, prosegue no desempenho do que lhe
incumbe, e nada de util lhe escapa no concer-
nente a vinhos, transportes, pautas, meios de con-
sumo, tabellas, comparação em grau com outros
vinhos de producto extranho, etc.

E' pois de interesse real o estudo e leitura do
folheto, que pôde contribuir para beneficio nosso,
mediante um tratado commercial com aquelle
modelar paiz, sob todos os aspectos considerado.

— Na China, dizia um viajante, se alguém é
condemnado á morte encontra facilmente quem
soffre a pena por elle, mediante certa quantia.

— E' assim mesmo, acóde Calino; ha ali uns
pobres diabos que *ganham a vida* desse modo.

O Orfeon Academico de Coimbra em Paris

E' pela Arte, esse grande sentimento que não
tem patria, que mais se aproximam os homens e
fraternizam num mesmo culto. A Arte impõe-se
ao amor e ao respeito, é o elo que liga as socie-
dades, a poderosa força civilisadora dos povos.
Onde não houver Arte não ha civilisação, mas
simplesmente uma horda de selvagens.

Eis porque as mais remotas civilisações, bri-
lharam pela sua Arte como as de hoje por ella
brilham, e nella tem sua maior força.

A decadencia dos povos coincide sempre com
a decadencia da sua Arte; é que a decadencia da
Arte é a decadencia do espirito, e a materia anu-
la-se com a anulação do espirito.

A França prepondera sobre todos os povos
mais pela força do seu espirito, do que pela força
material dos seus canhões. A sua ciencia como a
sua Arte impõe-se ao mundo e ella vae na van-

(1) OCCIDENTE, vol. II, 1879, pag. 10, n.º 36.



O ORFEON ACADEMICO DE COIMBRA QUE FOI A PARIS

guarda de todos os progressos, dando exemplo ás gerações novas que a buscam, que nella vêem o avançar da humanidade para a conquista de todas as perfeições.

Lá foi agora a mocidade portugêsa á capital do mundo, levada pelas atrações da raça, pela comunidade de ideias, pela ancia de se aperfeiçoar, no convívio, no contacto daquelle povo por quem os portugêses têm a mais carinhosa simpatia. Foi essa mocidade representada no Orfeon Academico de Coimbra, saudar em sua casa a França, e não teve de que se arrepender, porque encontrou na recepção que lhe foi feita a fraternal acolhida que o povo francês sempre tem encontrado em Portugal.

Pela Arte ali foram levados esses rapazes, que a não desdenham entre as preocupações dos seus estudos científicos; e pela Arte se insinuaram no espirito dos parisienses que lhe dispensaram os maiores aplausos, comovidos, entusiasmados, pe-

las canções que lhes escutaram desta terra portugêsa, pela magistral execução de deliciosos trechos de musicas consagradas por todo o mundo, e que neste extremo da península também tem o seu culto e tão fervorosos cultores.

Testemunho civilizador ali foram dar os estudantes portugêses, do adeantamento da nossa civilização, e esse testemunho foi dado pela arte, tanto mais significativo, quanto, infelizmente, lá fóra nos julgam um povo minimamente atrasado.

O Orfeon Academico de Coimbra, composto de uns cincoenta executantes, sob a direção proficiente do sr. Antonio Joyce, antes da sua partida para Paris, deu um sarau no teatro de S. Carlos, onde concorreu um escolhido publico apreciador de boa musica, que encheu completamente a grande sala de espectáculo. Nesse sarau fizeram-se também ouvir as distintas amadoras sr.^{as} D. Palmyra Mendes e D. Adelaide Cruz, que foram muito applaudidas.

O sr. Abel Botelho fez a apresentação do Orfeon, discursando sobre a Arte. O publico cobriu de aplausos o orador assim como foi grande o seu entusiasmo pela execução das varias peças musicas pelo Orfeon.

Foi sob estes lisongeiros auspícios que os estudantes portugêses seguiram para Paris, onde, como já dissemos, foram recebidos com as maiores demonstrações de carinho pelos estudantes francêses, que, durante dez dias, visitaram escolas, museus, varias sociedades e tomaram parte em festas promovidas em sua honra. Em todos os concertos que deram, foram aplaudidissimos, despertando o maior entusiasmo muito principalmente as canções portugêsas, como o fado, que foi um verdadeiro delirio para os parisienses.

O Orfeon Academico de Coimbra triunfou em toda a linha e a sua ida a Paris, mais concorrerá para tornar conhecido e apreciado o nosso país naquella grande centro de civilização.

Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar com **medicos de sua escolha** e fazer-se acompanhar de pessoas de familia. Secção especial de **doenças nervosas**, dirigida pelo professor EGAS MONIZ.

Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**



COUTO ALFAIATE

Novas installações d'este atelier

Este atelier que por muitos annos esteve na rua do Alecrim, está montado com todos os requisitos modernos, e sortido com as ultimas novidades de Paris e Londres.

RUA DO LORETO

Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º (á Praça Luiz de Camões) — LISBOA

TELEPHONE 1815



CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Collegio Francêz * Instituto primario e secundario

Autorizado por Alvará Regio de 25 de julho de 1904

Rua de Nossa Senhora do Resgate, 6 (Avenida D. Amelia)

|| LISBOA ||

EDIFICIO PROPRIO E ESPECIALMENTE CONSTRUIDO PARA COLLEGIO

Matricula permanente de alumnos internos, semi internos e externos, em todas as classes de instrucção primaria, curso dos lyceus, curso pratico do commercio, gymnastica, esgrima, musica, dança, etc.

Achando-se este instituto installado em edificio, que foi propositadamente construido para collegio, as suas condições satisfazem todas as exigencias da pedagogia e hygiene moderna. Dispõe de vastissimas aulas, amplos e arejados dormitorios, magnifico refeitório, casa de banho com todas as comodidades e um excellente parque para recreio dos alumnos.

O corpo docente é composto dos mais auctorizados professores e os magnificos resultados dos exames, todos os annos são a mais segura garantia da nossa solicitude e escrupulo na escolha do professorado.

Enviem-se pelo correio prospectos do collegio, regulamentos e tabella das refeições.

O director e proprietario — ALFREDO DA COSTA E SILVA (Nomeado director por Alvará de 28 de dezembro de 1903)